



# CARTOGRAFIA ANCESTRAL: 35 ANOS DE HISTÓRIA E RESISTÊNCIA DO YLÊ AXÉ ÒPÓ OMIM

*Ancestral Cartography: 35 years of history and resistance of Ylê Axé Òpó Omim*

Larissa de Menezes Alvanhan<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Mônica Panis Kaseker<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
DOI: 10.29327/256659.15.3-14

## RESUMO:

Ylê Axé Òpó Omim é o terreiro de candomblé mais antigo em continuidade de Londrina, no interior do Paraná, criado há 35 anos na periferia da cidade. Neste artigo, busco um xirê decolonial, com a proposta metodológica de uma cartografia ancestral, a partir do envolvimento semanal durante quatro meses com o acervo fotográfico do terreiro. Nessa trajetória, conclui-se que memória, fabulação e fotografia são armas epistemológicas no reconhecimento desse território como um espaço de enfrentamentos sociais e políticos, de luta por igualdade racial e de gênero, melhores condições de saúde, educação e moradia para a comunidade externa periférica, pobre e preta em sua maioria. Mãe Omin esteve à frente de todas essas lutas, conduzindo enquanto figura política, social e hierárquica de Iyalorixá, com sabedoria ancestral e afetiva de mãe.

**Palavras-chave:** Candomblé; Território; Ancestralidade; Luta.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Cultura e Sociedade pelo programa Pós Cultura da UFBA e Mestre em Comunicação pela PPGCom UEL. Pós-graduada lato sensu em Comunicação e Cultura Política na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [larialvanhan@gmail.com](mailto:larialvanhan@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, especialização em Planejamento e Gestão de Qualidade em Comunicação, mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Atua como professora do Mestrado em Comunicação e do curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), instituição em que é professora adjunta. E-mail: [mkaseker@uel.br](mailto:mkaseker@uel.br)

## INTRODUÇÃO

Neste artigo cartográfico ancestral, abordarei enquanto epistemologia a potência, vitalidade e energia do orixá Xangô, o obá, rei, de Oió e meu orixá de cabeça, como fundamentação. Muitos são os itans<sup>3</sup> sobre essa divindade do trovão e senhor da justiça. Xangô foi o quarto Alafim, senhor do palácio, obá de Oió e das grandes cidades iorubás. Em uma sociedade ágrafa, as histórias e tradições, para não serem perdidas, se misturavam à mitologia desses povos. Portanto, relações de temporalidade, falso e verdadeiro, perdem sua significativa importância.

Um fator bastante interessante ligado a esse orixá é que sua queda do reino no século XVIII está intrinsecamente ligada ao enfraquecimento dos povos iorubás e o processo de escravização por outras nações africanas e diáspora deles para as Américas no século XIX, em particular para o Brasil.

Falar sobre Xangô é lembrar que a constituição da hierarquia do Candomblé, algo brasileiro, se faz semelhante à construção que se dava no palácio de Oió, com a figura do Alafim e os postos hierárquicos políticos e sociais. Nas roças de Candomblé espalhadas pelo Brasil, a base fundante é a tradição, que se faz por meio da hierarquia e pelo respeito às mesmas. Simbolicamente, os Ylês, casas de Candomblé, são uma “mini” constituição de Oió.

Além da energia de Xangô, invoco Oxum, filha de Iemanjá e Orunmilá, para fazer parte também desse trabalho. Ela se faz presente em uma escrita como a cadência de um rio, através da beleza, força e dos encantamentos. Chamo Oxum, meu Orixá de juntó (Orixá que se faz presente junto ao de cabeça), para estar neste artigo, a fim de perfumar, fortalecer e lutar pela presença espiralada decolonial desta cartografia como base da presença e da força das matripotências<sup>4</sup> das Iyas, as nossas Mães Ancestrais. Sobre essa matripotência ancestral africana, sigo pelos caminhos epistemológicos traçados pela pesquisadora oxunista nigeriana, Oyèrónké Oyèwùmí, no que tange sobre a força e presença das mães nas sociedades iorubás não generificadas. Esta, portanto, é a base fundante desse artigo cartográfico ancestral, a figura da Mãe, da Iya e da Iyalorixá Mãe Omin da Comunidade

---

<sup>3</sup> Itans - são as histórias da cosmogonia Iorubá.

<sup>4</sup> O termo matripotência se refere à potência dessa linhagem de mulheres líderes espirituais.

Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Òpó Omim enquanto força ancestral.

O procedimento metodológico que utilizarei será a criação de uma cartografia ancestral, a qual é atravessada pelos afetos impulsionados pela cartografia sentimental desenvolvida pela filósofa e escritora brasileira Suely Rolnik (2011). Pretendo, por meio deste artigo cartográfico ancestral, trilhar uma epistemologia decolonial que una o academicismo brasileiro, com os pensamentos afrodiaspóricos e as bases Nagôs de Candomblé. Aqui o tempo é espiralado, lógica apresentada por Martins (2021), onde presente, passado e futuro se convergem na criação de oralidades imagináveis e imaginárias.

No Candomblé, há uma grande questão do respeito ao que se escreve. Vinda de uma cultura ágrafa, o conhecimento ocorria através da oralidade. Mas há bastante tempo essas culturas são gráficas e utilizam a escrita para anotações de receitas, itans, cantigas e outros afazeres cotidianos. Mas sempre existe a questão: o que é segredo, awô? O que podemos tornar público? O que é awô para uma roça, pode não ser para outra.

A opção de realizar este trabalho cartográfico ancestral sobre o meu Ylê ocorreu pela urgência de fazer um trabalho acadêmico contra-hegemônico e decolonial, sendo uma ruptura política e epistemológica às correntes coloniais que sofremos ainda hoje em território brasileiro. Tratando-se sobretudo de um terreiro de Candomblé localizado na Região Sul do Brasil, solo fortemente marcado pelo embranquecimento da raça brasileira nos séculos XIX e XX com a vinda de colonos europeus. Invocar Xangô e Oxum para fazer parte desta escrita é um desafio de encontro com a minha própria decolonialidade de corpa<sup>5</sup> ancestral e dissidente, sendo, portanto, um enfrentamento ético, racial e de gênero.

---

<sup>5</sup> Nesse texto utilizo a palavra “corpa” enquanto posicionamento político contra o sistema cisnormativo, heterossexual, patriarcal e branco. A academia brasileira é marcada pela presença colonial tanto nas correntes epistemológicas como também em seus epistemicídios em corpos dissidentes, como em pessoas não brancas e nas populações LGBTQIAPN+. Este texto, portanto, tem como intuito referendar e referenciar as lutas destas singularidades por igualdades de direitos e vivências. Utilizarei, também, em muitos momentos a “neolinguagem” enquanto minha posição política de inclusão de pessoas não binárias neste trabalho acadêmico.

## XIRÊ<sup>6</sup> DECOLONIAL

*Um passo fundamental para a busca da descolonização de nossas lógicas de conhecimento implica perceber que a colonização persiste, não é algo do passado e, portanto, nossas ferramentas conceituais muitas vezes estão comprometidas com essas lógicas de conhecimento coloniais (Nascimento, 2021, p. 395).*

Giro decolonial foi um termo cunhado inicialmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005, enquanto um movimento contrapolítico às lógicas epistemológicas da modernidade/colonialidade. Esse movimento se desenvolve na América Latina, diferenciando-se do pensamento pós-moderno e da pós-colonialidade que se estabeleceu nas universidades europeias, a partir de autores como Michel Foucault, Jacques Lacan, Jacques Derrida, Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabba. Para Walter D Mignolo, o pensamento decolonial não se limita a indivíduos, mas vem das lutas e movimentos sociais advindos principalmente de indígenas e afrodescendentes. O movimento do giro decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade não desconsidera o pensamento do norte global, mas o insere uma nova epistemologia não da negação, mas da diferenciação e das especificidades, considerando outros modos de ser e de saber.

Neste trabalho pretendo criar um Xirê Decolonial, sendo inclusive um movimento de ação epistemológica da crítica da Luciana Ballestrin em seu texto “América Latina e o giro decolonial”, em que salienta a não presença de pesquisadoras e pensadores brasileiros no Grupo Modernidade/Colonialidade. Um Xirê decolonial, um giro decolonial que se dá através da experiência afrodescendente brasileira de Candomblé, um sankofa<sup>7</sup> rumo ao seu eu africano e ancestral.

Muitos são os Terreiros de Candomblé brasileiros e não é meu objetivo tratar sobre Candomblé enquanto uma noção generalista, mas sim em sua singularidade que se dá

---

<sup>6</sup> Xirê no candomblé é a louvação aos orixás que ocorre em forma de espiral e em sentido anti-horário.

<sup>7</sup> Sankofa - pássaro mítico africano dos povos Akan e Axantes, da atual Gana. Tem seu desenho representado com o corpo voltado para a direita “para frente” e a cabeça virada para a esquerda “para trás”, trazendo dentre as suas simbologias a volta, o retorno, para aprender com os antepassados as suas origens, levando esses ensinamentos consigo para o presente e rumo ao futuro. O Sankofa não permeia o imaginário Nagô, no entanto, faz parte de um sentido mais global de afirmação afrodiáspórica sendo um dos símbolos de lutas do Movimento Negro brasileiro (Dravet; Oliveira, 2017).

através da beleza dessa potência do Ylê Axé Òpó Omim ser a primeira roça nação Ketu e a casa de candomblé mais antiga em continuidade em território londrinense.

Como podemos pensar a memória de um ponto de vista decolonial? O que sei de mim mesma? O que você sabe sobre sua ancestralidade? Bem, segundo alguns pensadores negros como Alex Crummmel e Fabien Ebooussi Boulaga, ao sair da escravidão, exigia-se um processo de reconstrução de si mesmo, em inventar o seu próprio interior, afinal, as perdas das memórias sofridas pelo povo negro são um processo irrecuperável. Deles tudo foi tirado, inclusive a memória. “O importante na memória, na lembrança ou no esquecimento não é pois tanto a verdade, mas o jogo de símbolos e sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos atos falhos e os lapsos, em suma, a resistência à admissão” (Mbembe, 2018, p. 186).

A memória passa por todos os poros do nosso corpo. Muitas vezes, aquilo que esquecemos é o que mais importa na nossa própria memória. A memória evoca lembranças; carrega e perpassa o tempo; é construção e inclusive invenção. Penso que no campo das memórias, inclusive a inverdade se torna processos de construções de si.

## PORTAL

Avisto já de longe do ônibus, descendo a Av. Gines Parra, as majestosas mangueiras que encobrem o terreno à frente de sua entrada, Ylê Axé Òpó Omim!

Lembro-me bem da primeira vez que te vi, em sonhos: os muros brancos com portões verdes e com folhas em cima, que hoje sei que esses galhos são os mariwòs<sup>8</sup>. Na época do sonho, que fabulo ser em 2017, recordo-me do meu corpo acordando em um grande susto, molhado pelo suor e um calmo desespero. Que lugar é esse? Nunca havia passado pela avenida Gines Parra com o cruzamento com a rua Maria José da Silva, mas sabia a partir desse momento, que algo estava prestes a me mostrar. Nessa época, estava constantemente em busca de uma casa espiritual para trabalhar a minha espiritualidade.

---

<sup>8</sup> Mariwòs - são as folhas de dendezeiro que são colocadas nas portas e janelas dos Ylês tendo a função de delimitar o espaço da Casa Sagrada e do meio externo. É uma forma de proteção para o Ylê.

Achava que era por meio da Umbanda que esse caminho iria se fazer, mas mal sabia eu, ou talvez soubesse no fundo do coração, mas queria esconder, que esse tal trajeto espiritual era pelo Candomblé.

**Figura 1:** Portal para o Sagrado



**Fonte:** fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim

E foi assim que o Ylê Axé Òpó Omim e minha mãe de santo, Mãe Omin, apareceram a primeira vez para mim, em sonhos! Mas foi somente no final de 2018 que de fato adentrei corporalmente nos recintos do Axé. E que momento mágico! Que alegria e paz envolveram meu coração e acalmaram a minha mente! É, realmente, um portal espiritual que se abriu bem à minha frente. E o Ylê Axé Òpó Omim é tudo isso ao mesmo tempo: paz, trabalho, amor, trocas de saberes e envolvimento dado a todo tempo em coletividade, em comunidade. Nesse ambiente, as diferenças, dores, medos, incertezas, dúvidas e fé são acolhidas e gerenciadas com amor. Nunca um dia é igual ao outro e as experiências não se repetem, mas sim, os tempos se mesclam em um dançar de presente, futuro e passado. O tempo no Axé é espiralado, movimento contínuo e permanentes (trans)formações.

É necessário a gente pensar que os povos vindos da diáspora africana no Brasil, ao longo de mais de quatro séculos, são pertencentes a distintos grupos étnicos. Segundo Muniz Sodré, é um lugar comum historiográfico que essas populações eram originárias da África Ocidental, Oriental e Equatorial. No entanto, os denominados Nagôs, ou Iorubás

(conforme a sua língua), foram os últimos a chegar, entre o final do século XVIII e início do século XIX<sup>9</sup>. “Nagô tornou-se um nome genérico para a diversidade do complexo cultural. Na verdade equivalente à palavra ‘iorubá’, designativa dos falantes desta língua, que em determinados momentos teve trânsito mais amplo na África” (Sodré, 2017, p. 103).

Ainda segundo Sodré, da Costa da Mina (área conhecida hoje como Benin, Nigéria e Togo), vieram no século XVIII nações como Egbá, Egbádo, Ijebu, Ijexá, Ketu, Sabé, Iaba, Nagô e Eyó, com incorporação de Adja, Fon, Huedá, Mali, Jejum e outros conhecidos aqui no Brasil com o nome genérico de Jeje. No século XIX, chegaram povos da língua Fon, também conhecidos como Ewês, e os Nagôs.

É muito interessante, ao ler Sodré, toda a concepção filosófica em volta da cultura Nagô, e ver tudo isso vivo no meu Terreiro. O pensamento Nagô é filosófico, cultural e ritualístico e ainda muito presente nas Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. Essa filosofia tem como base os orixás e a ancestralidade, sendo esta a origem, o meio e também o fim. A base hierárquica e oral são próprias dessas comunidades, constituindo os fundamentos inclusive da memória.

É um pensamento comum que da diáspora africana, vieram reis, rainhas, sacerdotes, intelectuais e presos políticos das lutas contra-hegemônicas, enquanto da Europa, os degredados e os vistos como “escória” da sociedade.

Da África vinham príncipes, princesas e sacerdotes, a exemplo de Otampê Ojaró, filha gêmea do Alaketu (rei de Ketu), fundadora do primeiro terreiro Ketu na Bahia, sucedida por sua filha brasileira Iya<sup>10</sup> Akobiodé. Uma elite africana formou-se aqui por meio de um implícito pacto simbólico entre indivíduos de etnias diferentes, a despeito das hostilidades entre crioulos (nascidos no Brasil) e africanos da Costa da Mina ou Costa dos Escravos (Sodré, 2017, p. 106-107).

O pensamento Nagô, presente nas roças<sup>11</sup>, se dá pelo modo de pensar, agir e cultuar o nosso sagrado, a cosmogonia iorubá. A base hierárquica é o modo como a comunidade é construída, também como os saberes são passados oralmente nas práticas dos afazeres

---

<sup>9</sup> Vale ressaltar que no próprio continente africano houve miscigenação de vários grupos étnicos antes mesmo da diáspora para as Américas, havendo portanto, uma mistura cultural antes mesmo do período colonial.

<sup>10</sup> Nome em Iorubá para “Mãe de Santo”

<sup>11</sup> Um dos nomes com o qual chamamos as casas de Candomblé.

diários. Assim como os orixás, as divindades por nós cultuadas, outra base muito importante é a ancestralidade, que constitui o começo, o entre e o fim. Como fala Sodré, a ancestralidade, os mortos ilustres, estão presentes em ações coletivas dos corpos vivos, não se constituindo como um caminho linear do tempo.

Os orixás para nós são tudo em nossa vida<sup>12</sup>. É o amor, o sagrado, o bem, a nossa potência e propulsão de vida. Sem os orixás, não somos nada, não temos vida. Como diz meu Pai Jorge “carregamos em nós um deus vivo”, sendo uma dessas a premissas do porquê devemos inclusive respeitar sempre o próximo, mesmo aquele que não seja iniciado ao Santo, ao orixá.

No pensamento Nagô, os orixás são - filosoficamente - princípios cosmológicos que se atualizam liturgicamente como incorporais, corporalmente apropriados pelo iniciado, portanto, não são idealidades intelectuais, mas princípios que acontecem na dinâmica ritualística - a passagem do plano transcendental dos princípios à vivência empírica dos incorporais se dá pelos rituais e pelo transe. Mas os dois planos, embora diversos pelas facetas da visibilidade/invisibilidade, situa-se aqui mesmo e não em um lugar mirífico (o após-a-morte dos cristãos e dos islamitas) onde o homem supostamente encontra o seu criador. O mundo Nagô, visível ou invisível, é o próprio Planeta Terra aqui e agora em sua diversidade geográfica e existencial (Sodré, 2017, p. 141).

Outro pensamento Nagô constituinte das bases e premissas do Candomblé acontece em volta da palavra “Axé”. Axé é a força, a potência que movimenta a vida em todas as suas categorias, desde animal, vegetal, mineral, como também humana e divina. O axé, segundo Deoscóredes M. dos Santos e Juana Elbein dos Santos, se faz presente nas relações interpessoais, místicas e ritualísticas, alcançando níveis corporais e mentais, através de elementos simbólicos, como as ervas, os gestos, as palavras faladas. Segundo Sodré “Axé são as trocas simbólicas entre a comunidade” (2017, p. 156).

Há o *axé* dos deuses, dos elementos naturais, dos indivíduos vivos e dos ancestrais, portanto, há um múltiplo de intensidades que se organizam no campo da comunicação do *comum*. Este é atravessado por um sincretismo de *afetos*, além de práticas de elaboração e absorção, imprescindíveis ao conhecimento iniciático (Sodré, 2017, p. 157. Grifos do autor).

---

<sup>12</sup> Essa afirmação refere-se à experiência desta cartógrafa, no contexto desta pesquisa, não tendo a pretensão de generalizar os sentidos da experiência em outras situações. A transparência quanto às afetações e subjetividades constitui a principal característica da metodologia cartográfica proposta.

A música, o canto, a dança, os atabaques e, também, a comida, são as formas simbólicas e ritualísticas de cultuarmos o nosso sagrado e divino. Em festas de Candomblé os orixás vêm, através do transe nos iniciados, dançar e transmitir seu Axé, sua potência de vida, amor, paz, prosperidade e fartura. Esses momentos são mágicos e emocionantes em que a racionalidade dá espaço aos afetos do sentir e do se emocionar. A maneira que essas danças acontecem é o que chamamos de Xirê, que ocorre em formas geométricas de espirais e em sentido anti-horário. Essas danças podem ser de amor, caça, combates, devoção, contemplação etc.

Para cada orixá há uma determinada comida, modo de dançar, cantar, de tocar os atabaques, sendo esta a função dos Ogans, homens que não incorporam os orixás. No Candomblé, a hierarquia é algo próprio, filosófico e constitui a sua base de fundação, sendo que em cada casa há a sua própria maneira, não havendo, assim, uma relação de superioridade entre as casas. E essa hierarquia ocorre de acordo com as determinações do orixá e ao longo do conhecimento e funções exercidas e adquiridas ao longo dos anos na comunidade.

## COMUNIDADE

A Comunidade Tradicional de Matriz Africana se dá enquanto um território ancestral de formação da identidade de um grupo. Segundo Sodré, “o território aparece, assim, como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros” (2019, p. 16). O terreiro de candomblé, egbé, se constitui enquanto um local patrimônio simbólico de memórias coletivas, sendo portanto, um legado grupal. Os saberes e as constituições sociais e hierárquicas se fazem presentes no cotidiano e nos afazeres mais simples, como lavar uma roupa ou limpar o chão.

O *terreiro* (de candomblé) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque, além da diversidade existencial e cultural que engendra, é o lugar originário da força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais (Sodré, 2019, p. 21. Grifo do autor).

A comunidade-terreiro é um local comum, de comunhão entre as pessoas que lá convivem, como as iniciadas ao santo (filhas e filhos de santo), como também abians,

peessoas que ainda não passaram pela iniciação ao orixá, e as singularidades que frequentam as festividades e recebem o axé dos orixás e dos catiços (Pomba Giras, Caboclos, Boiadeiros, Marinheiros, Ciganas). Em nossa casa temos o Barracão, local onde ocorrem as festividades mensais abertas ao público; os assentamentos, onde estão os fundamentos do nosso sagrado e as casas dos orixás (local em que só tem acesso a pessoa iniciada no candomblé). Cada Ylê (Casa Sagrada) é dedicada a um Orixá, no caso do Ylê Axé Òpó Omim é uma casa da Mamãe Oxum.

Há também o espaço da mata, reservado às ervas sagradas dos orixás, onde estão seus mistérios, conhecimentos e muita vida. É daí que saem os banhos, os chás, as curas. “Pouco importa, assim, a pequenez (quantitativa) do espaço topográfico do terreiro, pois ali se organiza, por intensidade, a simbologia de um Cosmos. É uma África qualitativa que se faz presente, condensada, reterritorializada” (Sodré, 2019, p. 54).

Na comunidade de terreiro não há excluídos, todos são convidados a entrar, comer e a exaltar o sagrado. Em comunidade o axé se faz presente, vivo, potência. Em xirê, também em coletivo, dançamos, cantamos em iorubá, renovando forças e manifestando vida e saberes ancestrais.

O terreiro é o território simbólico pelo qual o negro brasileiro instituiu a *polis-negra*, isto é, espaço político pelo qual o grupo assegura seu patrimônio cultural, a identidade, o que garante a transmissão do sentido da vida e existência para o grupo, a organização e coesão da comunidade (Francisco, 2010, p. 184. Grifos do autor).

O terreiro é onde se constitui uma comunidade regida pelo amor, acolhimento das diferenças e singularidades. A afetividade nesse espaço é fundamental na criação do imaginário de terreiro, em que o espaço condensa mitologicamente e simbolicamente, a África. O trabalho se faz em coletividade, através dos afazeres cotidianos e inclusive na manutenção desses símbolos. Para Deoscóredes M. dos Santos, Mestre Didi, e Juana Elbein dos Santos, “Os ‘terreiros’ ou egbé foram e continuam sendo, centros organizadores da fixação, elaboração e transmissão cultural, núcleos e pólos de irradiação de todo um complexo sistema simbólico” (1993, p. 42).

Uma das minhas tarefas é a organização, digitalização e catalogação do acervo histórico do Ylê Axé Òpó Omim. Este acervo é considerado de médio porte, mas se configura

como um dos maiores acervos de candomblé da região Sul do Brasil. Nele há variadas fontes e documentos históricos, como: materiais escritos por nossa Mãe Omin; fotografias em formato digital, impressas e em películas; vídeos digitais, em VHS e Mini DVs; monografias e artigos sobre o Ylê; cartilhas informativas na área de saúde, educação e culinária; projetos artísticos; materiais de apresentações em congressos e todas as roupas e ornamentos dos orixás. Todos esses materiais foram reunidos e guardados com muito zelo ao longo de mais de 35 anos por Mãe Omin, o qual se constitui um desejo de nossa matriarca que todos esses elementos sejam transformados em um museu e centro de pesquisa, além de ser salvaguardado pelo Iphan através do tombamento.

Para Sodré (2019), os terreiros encontram-se como um espaço político na sociedade, na medida em que se configuram enquanto um campo social contra-hegemônico. Ao longo desse tempo, foram várias as lutas, enfrentamentos sociais e políticos de direitos para os povos de terreiro como também para melhores condições de saúde, educação e moradia para a comunidade externa periférica, pobre e preta em sua maioria. Mãe Omin esteve à frente de todas essas situações, conduzindo enquanto figura política, social e hierárquica de Iyalorixá, com sabedoria ancestral e afetiva de mãe.

Ao trabalhar com a organização da digitalização do acervo físico do Ylê, me deparo cotidianamente com várias imagens das lutas travadas por Mãe Omin pela livre expressão religiosa; pela igualdade racial e de gênero; pela saúde da população negra; pelo direito à moradia e educação de qualidade. São mais de 35 anos de lutas diárias nas ruas de Londrina e também nos poderes públicos, como Câmara dos Vereadores; Ministério Público; Conselho de Saúde; Conselho de Assistência Social; Conselho da Criança e Adolescente e Conselho de Educação. Dentre essas lutas, destaco o projeto Badádoyin, que configurou-se durante seis anos com oficinas de canto, dança e percussão para crianças e adolescentes da Zona Norte.

Quando a gente assume uma Comunidade de Terreiro, como a Mãe assumiu, a Mãe teve que assumir uma comunidade total. Na época a comunidade era muito pobre, tinha fundo de vale, tinha favela, tinha muitas necessidades, então as primeiras (lutas) foram na escola Salim Aboriham. Na época, a gente começou a visitar as famílias, as famílias vinham benzer, aí já trazia o outro pra benzer, e assim foi. Aí eu fui me envolvendo com tudo. Você se envolve com a saúde, com a educação, com a cultura, com a segurança alimentar, você tem que correr atrás de tudo! Foi onde eu cheguei hoje, envolvida em vários setores das autarquias municipais, que é Conselho

de Saúde, Conselho de Assistência Social, da Criança e Adolescente, de Educação, pra mim ter um entendimento pra ajudar. E hoje nós estamos só na prevenção de ISTs e HIV/AIDS, e agora a dengue, e o Covid. Mas teve muitos casos, lá atrás, de dificuldade pela comunidade periférica, que hoje não se pode falar 'favela', tem que falar uma comunidade, então teve muito, muitos projetos sociais para poder ajudar a comunidade, de canto, dança, percussão, teve de rap. A gente teve muita coisa, de geração de renda, pães e pizza, salgados, doces, culinária, artesanato. Então, a gente teve muitas coisas no Axé, que se envolveu com o entorno da comunidade. Então, a gente se envolve com tudo que for preciso, enquanto autoridade religiosa, porque para se comandar uma comunidade religiosa, você tem que ter, eu sempre digo, um alto astral de sacerdotisa, então, né, você nasceu para ser! Então, isso, dá muita sabedoria! Eu sempre falo, 'eu não sei de onde nasceu tudo isso, que eu fui ser tudo isso'. Então, quando eu debato de frente com um delegado, com promotor, com qualquer pessoa superior, doutor, um advogado ou médico, eu não entendia porque, quando eu saía de lá, 'nossa, que que eu fui me xeretar!' Então, é muitas coisas! Teve a necessidade de alcançar o conhecimento que eu alcancei hoje. Eu sempre falo, quem cresceu, minha evolução, meu espírito, foi também a comunidade, porque eles precisavam, mas eu precisava mais ainda para poder chegar até eles! (Mãe Omin, 2023, p. 113-114).

Já sabia das lutas enfrentadas pela minha Mãe, mas ao ver seu corpo todo rememorando, recordando esses fatos e me contando com tanto detalhe e amor, a emoção é inevitável, em saber que estou no lugar certo, em uma casa de Axé cheia de lutas sociais e enfrentamentos contra-hegemônicos. Afinal, entendo que a vida social não é omissa a vida política, e sendo uma corpa dissidente, sempre soube que a minha vida sempre seria repleta de lutas. E estar em uma egbé em que minha matriarca sempre esteve lutando ao lado das minorias, me leva a enfrentar a vida com amor e garra.

Nagô é, assim, um construto, uma representação contra-hegemônica, na medida em que transforma certas categorias estabelecidas de percepção do mundo, instituindo uma outra, de natureza sociocultural, que tem o poder de fazer existir no plano das lutas simbólicas uma nova abordagem do social. A categoria "nagô" não deve buscar legitimidade social na antropologia, e sim na política, já que desencadeia um contraditório no espaço social (Sodré, 2010, p. 56).

Lembro-me bem, era novembro de 2018, de quando fui convidada por Mãe Omin para registrar em fotografias a festa de 30 anos de sua casa de axé. Levei um grande susto, na realidade. Fotografar uma festa de Candomblé? Justo em uma cerimônia tão importante? Mas como? Nunca tinha ido a uma festa de Candomblé! Não conhecia nada, absolutamente nada dessa religião. Eis que Mãe Omin, doce e gentil como sempre, chega em mim e diz:

- Calma, minha filha, são só fotografias! Você não é fotógrafa?

Sou, sou, disse com certeza tremendo.

- Então, te vejo daqui duas semanas na festa!

Oi? Duas semanas? Mas já? Não conheço nada de Candomblé, nunca fui em uma festa, nunca vi orixás, nunca, mas... e assim foram as minhas várias desculpas para tentar fugir dessa responsabilidade fotográfica.

- Fique calma, minha filha, você não precisa saber nada de Candomblé, você precisa sentir e fotografar!

Essas palavras estão gravadas em mim: sentir e fotografar. Que ensinamento! Nunca ouvi de nenhum professor ou mestre estas palavras: sinta e fotografe. Pelo contrário, aprenda a técnica, aprume o olhar e fotografe. Sentir e fotografar, palavras estas carregadas de sensações novas.

Segundo o pensamento da pesquisadora, professora Suely Rolnik, “o cartógrafo é, antes de tudo, um atropófago” (2011, p. 23). Essa ideia condiz bastante com o que penso da arte de fotografar o Ylê Axé Òpó Omim. É a própria junção de vidas, sentimentos, afetos, sagrados, memórias e arte em fotografias. Não há uma separação, um muro divisor da pessoa artista, filha de santo, pesquisadora e fotógrafa que sou. Essas minhas vivências, esses meus “eus” vem todos juntos e misturados no ato do clique fotográfico.

São técnicas fotográficas, referências artísticas, olhares carinhosos com o meu arredor e afetações com o que se passa na frente dos meus olhos, da minha câmera. “Sinta, Lari. Calma, só sinta e fotografe”, diz um eu cada vez que vou fotografar o cotidiano, as festas e celebrações da minha casa. Fecho os olhos, sinto o Axé e clico. Minha câmera, nesse momento, se torna uma grande boca. As imagens que de lá saem, uma construção imagética, ancestral, documental, poética, antropofágica sobre as relações do tempo e do espaço na construção das memórias de uma das Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas mais antigas da cidade de Londrina.

Realizar fotografias ancestrais, documentais, poéticas e antropofágicas do Ylê Axé Òpó Omim é um ato de luta pela construção de outras narrativas. É a preservação de uma memória visual contínua sobre a histórias das minorias, sobre um povo periférico. Penso

que com as minhas imagens sensíveis de Candomblé se faz possível a construção e manutenção de uma memória não oficial, que é insistentemente apagada, agredida e morta por conta do racismo institucional e pela intolerância religiosa. Porém, sim, ela constitui uma das memórias dos povos brasileiros.

Fazer parte da egbé Ylê Axé Òpó Omim é reconhecer a continuidade, a memória dos ancestrais da casa e das lutas enfrentadas por nossa Mãe. É se sentir parte integrante desta história de continuidade e também perceber meu papel nessa família, que sou também peça de transformação e de luta contra as epistemologias coloniais.

## YLÊ AXÉ ÒPÓ OMIM

**Figura 2:** Matrilinearidade (da esquerda para a direita: Iyákekerê<sup>13</sup> Mãe Odé, Iyálorixá<sup>14</sup> e Iyálodê<sup>15</sup> Mãe Omin e Iyáloxé Iyázinha<sup>16</sup> de Oxum)



**Fonte:** fotografia de Larissa Alvanhan, 2018. Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

<sup>13</sup> Yakekerê: no Candomblé é a representação hierárquica de Mãe Pequena

<sup>14</sup> Iyálorixá: no Candomblé é a representação hierárquica de Mãe de Santo

<sup>15</sup> Iyálodê, aquela que lidera a comunidade

<sup>16</sup> Herdeira do Axé

O Ylê Axé Òpó Omim está localizado em Londrina, Norte do Paraná. Foi fundado em 17 de dezembro de 1988 por Mãe Omin, Iyálorixá (Mãe) com origens Tupi-Guarani e Nagô. O fator tempo e suas variações culturais dentro dos saberes e costumes afro-brasileiros das egbés narram os fundamentos de continuidade de suas existências, firmemente ancorados nos ritos da tradição oral, preservados por muitos séculos de história nesses territórios. É pelo tempo e através dele que se constrói a base hierárquica de uma comunidade de terreiro. Tempo e memória são fatores fundamentais que narram as atividades religiosas de uma das Casas de Candomblé mais antigas de Londrina, em atividade contínua na cidade há 35 anos.

O Ylê Axé Òpó Omim, que, em tradução livre, quer dizer “templo religioso sustentado pelas águas”, é uma comunidade de terreiro de Candomblé, Nação Ketu, situado na periferia da região norte de Londrina. Para nós do Candomblé, é muito importante a Nação que fazemos parte, pois é a Nação que nossos ancestrais pertencem na diáspora africana. Se compararmos o seu tempo de fundação, o Ylê tem mais de 1/3 de idade da história de colonização da cidade. Liderado por minha Mãe Omin, Iyálorixá e Iyálodê com expressiva atuação social, política e cultural em todo o Estado do Paraná, o Terreiro carrega uma missão de continuidade e memória contínua através das figuras de sua filha, Iyákekerê Mãe Odé e sua neta, Iyálexé Iyázinha de Oxum, atribuindo um legado ancestral biológico passado de mãe para filha e de filha para neta. Essa tradição familiar está presente em diversas comunidades de terreiro espalhadas por todo o país. Tal feito remonta os mitos e ritos de tradições iorubás trazidas pela diáspora africana ao Brasil, ressignificadas pela ação do tempo e pelas mudanças na construção social brasileira, porém vivas e contínuas até os dias de hoje.

Quem sabe ao deixarmo-nos tocar por esse saber ancestral de Iyá, sempre coletivo, sempre atento aos conflitos internos à comunidade, estejamos mais próximas de caminhos mais potentes rumo à descolonização, do pensamento e de nossa própria vida (Flor do Nascimento, 2021, p. 396).

O Ylê Axé Òpó Omim é uma egbé matriarcal, liderada por Mãe Omin. Em uma tarde corrida, entre muitos afazeres cotidianos de uma comunidade, Mãe Omin se colocou à

disposição para conversar comigo. O nervosismo me bate, afinal, sou uma Iyawo<sup>17</sup> questionando a matriarca da casa. E como sempre, minha mãe atende com muito carinho os meus pedidos de conversa, claro, entre muitos afazeres de viagens, atendimentos a outros filhos da casa e dos serviços com o sagrado. É como ela mesmo me fala: “Nasci para ser Mãe. Não é querer, é nascer para!”. E como essa palavra “Mãe” é carregada de afetividade, amor e muita responsabilidade com a vida. Mãe Omin diz:

Eu não escolhi (ser Iyalorixá), mas desde pequena eu sempre soube que eu tinha que cuidar, mas eu não tinha noção que era tudo isso! Eu achava que era só benzer, como minha avó benzia! Minha avó era parteira, meu avô curandeiro, né, então eu achava que era só isso! Não tinha a dimensão do que era. Tanto que eu sempre gostei da Umbanda, porque no Candomblé eu sabia que eu ia pegar santo e ser Mãe de Santo! Então, querer não é poder! Eu nasci para ser, né! Então, eu nasci com esse dom de cuidar dos ancestrais e agregar ancestrais, essa energia vital grande, que é o Axé! Cuidar dos outros! Então, essa é a missão de uma Iyalorixá, mesmo não querendo, né?! Eu não tive querer, eu fui escolhida para ser a mãe de todos! (Mãe Omin, 2023, p. 110-111).

- Motumbá<sup>18</sup>, minha Mãe!
- Motumbaxé<sup>19</sup>!

A hierarquia de sucessão no Ylê Axé Òpó Omim é consanguínea, no entanto o território é estruturado também por filhas e filhos de santo da casa, que são pessoas iniciadas ao culto dos orixás. Segundo o pensamento da antropóloga Juana Elbein dos Santos (1993), os laços das comunidades de terreiro são a restituição da família africana. Nesse local, são restabelecidos os elos com nossos próprios ancestrais e antepassados, como também com os da egbé. Mãe Omin tem seus ancestrais origens tupi-guarani e nagô.

Meus ancestrais têm essa mistura, os nagôs que são da África e os tupi-guaranis que são os brasileiros, os índios, que são os primeiros em terras brasileiras! Então, eu tenho essa mistura, né, de onde se tornou essa raiz forte que é! Mas a minha mistura nagô com tupi-guarani é que se formou essa raiz grande que é de matriz africana. Então, é por isso que nós vivemos em um país, que nós somos afro-descendentes. Nós somos da religião de Matriz Africana afro-brasileira. Porque somos brasileiros! Mas com a origem de Matriz Africana! (Mãe Omin, 2023, p. 44).

---

<sup>17</sup> Nome em Iorubá para designar a pessoa rodante iniciada no Candomblé antes de completar 7 anos de iniciação.

<sup>18</sup> Nome em Iorubá para agradecimento.

<sup>19</sup> Nome em Iorubá como resposta ao agradecimento, algo como “de nada”.

Sobre a questão da ancestralidade e raiz, Mãe Omin pontua:

A raiz, minha filha, é quem tem, quem nasceu para ser, quem já traz lá de trás! Eu já venho dessa origem de família, só que lá atrás não puderam ter os terreiros; lá atrás era só benzimento; parteira; curandeira; sessão de reza; terços. Hoje eu tenho terreiro, então eu tenho raiz, porque eu venho dessa origem e essa origem vai continuar pelos filhos, netos, bisnetos. É uma continuidade. Então, essa é a raiz: o que já tinha contínua e não para. Então essa é a raiz! Tem muitas pessoas que não têm raiz, eles querem ser o que eles não nasceram pra ser! Então a gente fala: tem pessoas que não sabem o que estão fazendo e querem fazer, mas eu sempre falo ‘muita coisa não é um problema meu!’ Às vezes me falam ‘o que a senhora acha?’ Eu não acho nada, porque quem vai quebrar a cara é ele, não sou eu! Então, tem muitas coisas erradas, porque eles são uns verdadeiros intolerantes! Eles não sabem o que estão fazendo; não procuram se apurar e querem ser. Hoje, qualquer pessoa pode ser Pai de Santo, Mãe de Santo aí na Iyanet<sup>20</sup> que é complicado! Então acaba assim, queimando o nome da gente. Queimando assim: tira a autoridade da gente; tira a autoridade do Orixá; do Axé que a gente defende; do Santo que a gente defende; do carrego do Santo que tem nome, é Odu! Então aí começa a falar abobrinha que não é para falar. Entendeu?! Tem uma coisa certa aí eles já aumentam. Mas isso aí, a Terra já nasceu com problema entre religiões e sempre vai ter. Então a gente tem que tomar muito cuidado. Por isso que eu sempre oriento vocês: o problema dos outros, é dos outros! Nossa casa é nossa casa! Nosso Axé é nosso Axé! Porque a gente não pode viver as coisas dos outros. Porque se a gente for viver as coisas dos outros, a gente vai ficar louco, e antes da hora. A gente vai ficar careca antes da hora, porque os cabelos começam a cair de desespero. Entendeu?! (Mãe Omin, 2023, p. 117).

- Sim, Senhora!

Então, existe sim. É onde esse povo faz nascer a intolerância que nós sofremos, porque eles faz as sujeiras, aí nós que levamos a má fama! Aí que nós levamos o nome de Magia Negra. Levamos fama dessas coisas por causa desse tipo de coisa! Porque se a pessoa ainda fosse caladinha, certinha, tudo bem, mas não é, passa as carroça na frente dos boi, aí é que o bicho pega! Tem uma mistura muito grande, uma diversidade muito grande e eu sempre falo ‘dessas intolerâncias no meio da gente’. Porque é muito tipo de gente fazendo isso. (Mãe Omin, 2023, p. 118).

Sobre essa questão levantada por Mãe Omin da Iyanet, se faz quase que impossível não me recordar das várias placas que vi ao longo da vida pregada em postes que dizem: “Trago seu amor em X dias”; “Trago o seu emprego dos sonhos em tantas semanas” e hoje, com a popularização das redes sociais, vemos anúncios pagos com o mesmo tipo de conteúdo. E como muito da intolerância religiosa acontece justamente devido a esses tipos de serviços espirituais ditos como “trabalhos”.

<sup>20</sup> Iyanet - nome atribuído por Mãe Omin a quem procura ajuda espiritual pela internet.

Agô, Mãe, o Ylê Axé Òpó Omim é a primeira casa de Nação Ketu em Londrina. Foi fácil fundar a roça, mãe?

Não foi fácil! Foi a primeira casa de Ketu, né, em Londrina, não foi fácil não, porque a cidade aqui sempre foi (da Nação) Angola. Então, quando nasceu a Mãe Omin, nasceu na Angola e passou para o Ketu, foi uma tempestade muito grande. Aí os demais que se sentiram que era Ketu, os vizinhos de cidades, ou mesmo Curitiba, que era Ketu, então foi uma demanda muito grande. Eles queriam fechar as portas do Ylê Axé Òpó Omim, porque não aceitavam uma menina tão nova, né, de casa aberta, com um poder tão grande. Porque eu sempre me senti grande! O dia que Oxum intitulou que eu tinha que ser Mãe de Santo, eu me senti uma pessoa assim. Já que eu tenho que ser a rainha, como disse o Senhor Oripepê, e mandar nessa casa, eu comecei a mandar. Não foi fácil, mas também não foi impossível, porque o Orixá determinou e ele quis e aí estamos até hoje, há 35 anos, faz agora em dezembro (2023) (Mãe Omin, 2023, p. 112).

Agô, Mãe, a nação de candomblé que somos é de acordo com a ancestralidade da senhora?

Quando os nossos ancestrais vieram da África, veio uma mistura muito grande. Veio uma mistura dos Bantos com os Nagôs, junto com outras etnias. Então, quando se aglomerou no país, teve uma mistura muito grande, então, muitos são Nagôs, não abrem mão, são os Ketu; muitos são Angola e não abrem mão, e muitos são Jeje, mas tem uma mistura do Jeje com o Ketu, do Ketu na Angola e assim vai. Porque tem santo que não se nasce, mas é cultuado dentro de uma Angola; tem santo que não se nasce dentro de um Ketu, ele é de Jeje mas ele é cultuado no Ketu, e do Jeje é aglomerado tanto na Angola quanto no Ketu. Então, se tornou afro. Então nós somos afro-descendentes de uma religião de Matriz Afro-Brasileira de Matriz Africana! (Mãe Omin, 2023, p. 112).

- Motumbá, minha Mãe!
- Motumbaxé!

Agô, Mãe, mas o que seria cultuar a ancestralidade no Candomblé?

Cultuar a nossa ancestralidade, é cultuar o que ela nos deixa! Porque a nossa ancestralidade quer que eu seja feliz, que você seja feliz, que você se equilibre na vida, tanto mentalmente, no espírito, quanto na felicidade. Eu sempre falo 'na tristeza, na prosperidade, na alegria', então essa é a energia que a gente quer dos nossos ancestrais. Quando a gente quer cultuar os ancestrais, a gente vai rezar um sofrimento que teve lá atrás, a gente fala 'a, você tá com energia negativa, aí, isso é coisa de ancestralidade', alguém morreu queimado, alguém teve isso. Os nossos foram pros troncos; morreram queimados; passaram amarrados, trancados; passaram fome, sede; degolados. Isso aí é sofrimento! E os nossos espíritos sentem isso! Então, o que nós fazemos? Nós cultuamos o que os nossos ancestrais deixou. Nós vamos rezar; nós vamos fazer oferendas; vamos tirar aquele sofrimento à base de muita fé! Temos que rezar! Lembra que eu falo pra vocês 'não é brincado cuidar de uma vida', porque para cuidar dela, você tem que cuidar lá atrás também! Se

you cuida lá atrás, aqui na frente dá tudo certo. Porque o que eu quero deixar, era meus filhos em paz; meus netos em paz; meus bisnetos; entra neto, sei lá quantas gerações pra frente. Se eu estiver em paz, e me for em paz, tudo vai tá em paz! Se houver tragédias, como sempre houve, por aí, em nossos ancestrais, olha o sofrimento de nossos ancestrais! Ninguém gosta de falar nisso, ninguém gosta de falar que tirava os filhos dos nossos ancestrais. Quantas mães amamentavam os filhos dos sinhozinhos lá, da senhora lá dela, e não amamentava os seus, porque era dado, vendido? Isso não é dor? Isso não é sofrimento? Tirava o pai, vendia ele e deixava a mãe sofrendo. Tirava o negrinho e vendia, tirava o negrinho que era bonito e ia preparando ele pra vender sei lá por quanto pesos de ouro, quantas sacas de café. Então, tudo isso é um sofrimento que os nossos ancestrais carrega. Meu tataravô, imagina o que ele não sofreu? (Mãe Omin, 2023, p. 114-115).

Longo silêncio, lágrimas correm. “Meu bisavô, você imagina o que ele não sofreu?” (Mãe Omin, 2023, p. 115). Olho para dentro de mim. Reflito sobre os meus ancestrais. O que eles não sofreram? O que eles não passaram? Imagino e muito! Às vezes sonho com os meus. Não sei muito sobre lá atrás. Sofro por não saber, mas me contento com as fabulações, com as histórias inventadas e (des)conexas.

São 35 anos de Ylê Axé Òpó Omim. Minha atual idade, inclusive. Depois de muitas batalhas, dificuldades inúmeras, foi construído o Palácio de Mamãe Oxum e a casa dos nossos orixás! A chácara fica em uma área rural na extrema Zona Sul de Londrina. Um terreno em que é composto por área de mata nativa e pelo Ribeirão Três Bocas.

A herdeira do Ylê Axé Òpó Omim, a Iyazinha de Oxum e filha carnal de Mãe Odé, Jennifer, já nasceu Mãe e sucessora da egbé! “Não é querer, é nascer para!”, como sempre nos fala Mãe Omin! Iyazinha carrega desde o seu nascimento a missão de ser Mãe de Santo, nossa Mãe e por meio também de sua navalha, eu nasci para o Orixá.

Mãe Omin sempre fala com muito carinho sobre sua única filha parida, a Mãe Odé, e nos conta com frequência sobre a necessidade de iniciá-la ao candomblé. Ela necessitou fazer o santo ainda criança, por questões de saúde, e desde muito cedo também teve a responsabilidade espiritual de ser Mãe de Santo. Ao refletir sobre a necessidade de saúde de Mãe Odé para ter que fazer o santo e ser Mãe Pequena, me vem sempre a cabeça: por que temos que nos iniciarmos ao culto dos orixás? E logo por imediato me ocorre o ensinamento de Mãe Omin: “não fazemos o santo por beleza ou porque achamos bonito, fazemos por alguma necessidade!”.

Antes de ser o Ylê Axé Òpó Omim, a casa era somente onde Terezinha Pereira da Silva e sua família carnal moravam. Mas, há mais de 35 anos, além de ser a casa de Mãe Omin, é a casa de Oxum. No regimento interno do Ylê, está exatamente escrito qual deve ser a cor das paredes, das portas, do chão e dos bancos. Isso ocorre porque cada lugar físico é regido por um Orixá. Ao longo desse tempo, houve algumas mudanças na estrutura interna do Ylê, mas nunca de sua fachada e suas cores, pois há fundamentos e tradições dos Orixás para manter sua característica física que impossibilita alterações.

Na Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Òpó Omim, a relação de temporalidade se dá através das espirais em continuidades ancestrais. O conhecimento aqui é movimento permeado pela filosofia nagô, pela cosmogonia iorubá e pelas memórias transmitidas oralmente. As tradições são mantidas pelo respeito à hierarquia e aos awôs, segredos da casa. Torna-se impossível pensar e refletir a respeito dessa roça se não tivermos essas noções como base de nossas afetações e dos processos de rupturas epistemológicas. “Portanto, escrever sobre o ‘segredo’ nessas religiões exige um diálogo muito intenso sobre as circunstâncias que permitem a construção desse conhecimento e as consequências dessa escrita para a comunidade religiosa”. (Silva, 2010, p. 279).

O aforisma iorubá “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” me convida a refletir sobre a importância da ancestralidade em minha própria existência. E aqui posso (re)afirmar que ela é tudo em minha vida. Só sou porque outres foram, existiram, lutaram, amaram e morreram. E sei que sou e me darei continuidade. Vivendo e sendo fruto de uma ancestralidade negra, afrodescendente, e também europeia, reconheço todas as violências e genocídios físicos, morais e epistemológicas empregadas nos processos coloniais, os quais, infelizmente, ainda (co)existem até os dias atuais. “Genocídio não deveria ser visto apenas como a eliminação física de povos; isso também pode ocorrer por meio da destruição da identidade de um povo através da eliminação de sua língua e religião” (Abimbola, 2010, p. 148).

Esta pesquisa, inclusive, constrói pontes e pinguelas com o pensamento decolonial de um futuro ancestral concebido por Ailton Krenak (2022). O conhecimento, assim como a própria vida, se dá em permanência, continuidade, em tempos mesclados e não linear, (per)passando o passado, presente, futuro, por meio e através da ancestralidade. Exu nos

convida a brincar com e nas estripulias desse tempo. Ele nos joga nos redemoinhos das potências do viver, ressignificando o “penso logo existo”<sup>21</sup> cientificista e colonial. Aqui os modos de vivências são espiralados, não binaristas, atravessados pela ancestralidade e pelos cruzamentos do entre, nos mostrando as potências do ser e viver na soma do “+1”.

É um grande desafio para os então chamados intelectuais e líderes dos dias modernos nas comunidades africanas da África e da diáspora. Todos nós precisamos abraçar a forma de vida de nossos ancestrais. Mesmo um povo tendo sido escravizado como foram os nossos ancestrais e sido colonizado como todos nós, ainda assim eles podem se erguer. Eles podem se sentir orgulhosos, alegres e satisfeitos na medida em que não aceitem os sistemas de crenças que os escravizaram e oprimiram. Dessa forma, eles ainda podem ser livres (Abimbola, 2010, p. 150).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, Xangô deu seu tom nas bases hierárquicas e nos embates epistemológicos aqui travados. Sim, ainda estou, como também estamos, em guerra contra o Cistema heterossexual, branco, machista colonial que ainda oprimem nossas corpos dissidentes e nossos pensamentos disruptivos.

O Ylê Axé Òpó Omim, pela figura de sua matriarca Mãe Omin, me mostrou que as lutas contra as opressões sofridas pelo colonialismo se fazem de forma constante e contínua pelos movimentos espiralados ao longo de todo o tempo ancestral. Aqui, se faz impossível pensarmos em vivências se não for através da manutenção e preservação da memória, do respeito aos awôs e da continuidade.

Oxum nos trilhou, nos banhou das dores coloniais, e me jogou em sua correnteza das lutas decoloniais pelas potências do Oxunismo. Aqui nossas Iyas ancestrais estão presentes nas guerras contra o colonialismo e na figura da matrilinearidade de minha Comunidade Tradicional de Matriz Africana, o Ylê Axé Òpó Omim.

Essa cartografia ancestral me levou pelos caminhos e movimentos temporais espiralados das encruzilhadas e da imagem fotográfica enquanto uma memória ancestral

---

<sup>21</sup> Expressão atribuída ao matemático e filósofo René Descartes ao qual se constitui como uma das sínteses do pensamento cientificista Positivista.

em continuidade do Ylê Axé Òpó Omim. O envolvimento semanal, durante quatro meses, com o acervo fotográfico do Ylê me mostrou que essas imagens fotográficas são os próprios movimentos de continuidade ancestral de uma comunidade, sendo Axé, potência de vida, e produtora de sentidos comunicacionais. Esse acervo constitui, portanto, como um bem imaterial e de identidade dos povos de terreiro na nossa sociedade brasileira, sendo um sentimento válido de minha Mãe Omin querer esse patrimônio cuidado, zelado e tombado pelo Iphan.

Nessa corrente decolonial, ancestralidade, memória, fabulação e fotografia são armas epistemológicas. O terreiro é território de luta e resistência. E aqui deixo a reflexão para uma academia que abrace as diferenças. Somos muitos e vamos (re)construir espaços de produção de sentidos comunicacionais através e por meio de nossas vivências dissidentes e nossos afetos ancestrais.

## REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. Mestre Didi, Alapini, e o futuro da civilização afro-atlântica. *In*: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmago das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 145-153).

ALVANHAN, Larissa de Menezes. **Poéticas de Terreiro: uma cartografia ancestral com o Ylê Axé Òpó Omim**. Dissertação (Mestrado em Produção de Sentidos) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jyv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 julho de 2023.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico** - 2.ª ed; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, v.21, Assis, janeiro -junho de 2017, p.11-30. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/8>. Acesso em 31 de outubro de 2024.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Em torno de um pensamento oxunista: òyá descolonizando lógicas de conhecimento. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 33, n. 59, 2021. DOI:

10.7213/1980-5934.33.059.DS03. Disponível em:  
<<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27938>>. Acesso em: 29 maio de 2023.

FRANCISCO, Dalmir. Mestre Didi: a história, a escrita, o sagrado. *In*: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmagô das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 175-187).

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARINHO, Roberval Falojutogun. O imaginário mitológico na religião dos orixás. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: Origens, Tradições e Continuidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 161-194.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo, VALLADO, Armando. Xangô, Rei de Oió. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: Origens, Tradições e Continuidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 141-159.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, D. M. dos; SANTOS, J. E. dos. A cultura nagô no Brasil - Memória e continuidade. **Revista USP**, [S. l.], n. 18, p. 40-51, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i18p40-51. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25990>>. Acesso em: 25 maio de 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves. Segredos do escrever e o escrever dos segredos. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: Origens, Tradições e Continuidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 273-302

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2019.

SODRÉ, Muniz. Criatividade e linguagem. *In*: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmagô das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 53-59).

**ABSTRACT:**

Ylê Axé Òpó Omim is the oldest candomblé terreiro in continuous operation in Londrina, within Paraná state, established 35 years ago in the outskirts of this city. In this article, I seek a decolonial xirê, based on a methodological proposal of ancestral cartography, through weekly engagement over four months with the photographic collection of the terreiro. Throughout this journey, it is concluded that memory, fabulation, and photography serve as epistemological tools in recognizing this territory as a space of social and political confrontations, a struggle for racial and gender equality, and for better health, education, and housing conditions for the predominantly poor and black peripheral community. Mãe Omin has been at the forefront of all these struggles, leading as a political, social, and hierarchical figure of Iyalorixá, with ancestral and maternal wisdom.

**Keywords:** Candomblé; Territory; Ancestry; Struggle.

Recebido em 30/09/2024.

Aprovado para publicação em 06/11/2024.